

CONCEPÇÕES DA NARRATIVA: ENCONTROS NO ENSINO DE HISTÓRIA E LITERATURA

Talanny Araujo Talyuli Castro Mateini ¹
Talytha Cardozo Angelo ²

INTRODUÇÃO

O presente trabalho foi elaborado mediante a análise entre a Literatura e a disciplina de História enquanto pilares de aprendizagem na formação educacional, com o intuito de investigar a simetria entre ambas as práticas de estudo.

Tendo em vista que tais convenções educativas englobam a leitura e materiais bibliográficos como base de ensino, uma vez que, enquanto pilar na educação básica, é evidenciado na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) a importância da leitura e compreensão de forma autônoma de textos narrativos – como contos e crônicas –, através dos referenciais bibliográficos, possibilitou-se a apresentação da consistência em tese na elaboração de planos de aulas.

Ao passo em que a obra literária é entendida como a narração de fatos – podendo ou não abranger a ficção –, a História é dada como a ciência responsável por estudar o ser humano e os processos cronológicos que o envolve. Posto isto, o problema da pesquisa consiste no questionamento centralizador: de que modo a Literatura e a disciplina de História conferem em questões educacionais?

Neste aspecto, o objetivo geral foi constituído por meio do estudo acerca da homogeneidade entre as práxis mencionadas, à medida que os objetivos específicos percorrem na premissa de: analisar os encontros entre Literatura e História na esfera pedagógica; identificar individualmente o papel de cada eixo no processo de aquisição; e ilustrar como ocorre a analogia bilateral por intermédio da didática utilizada no processo de ensino-aprendizagem.

É necessário compreender que muito além da capacitação de comunicação através da escrita e leitura como discentes, a competência de pensamento crítico ocasionada pela análise

¹ Professora de Letras-Inglês. Pós-graduanda em Metodologia do Ensino da Língua Portuguesa e Inglesa pelo Centro de Ensino Superior Dom Alberto; talanny.talyuli@gmail.com

² Professora de História. Especialista em Metodologia do Ensino de História. Graduanda do Curso de Filosofia da Faculdade de Venda Nova do Imigrante; talythacardozo@gmail.com

de fatos, construção de opiniões próprias e posicionamentos provenientes do hábito de ler são indispensáveis potenciais na construção de seres sociais.

METODOLOGIA

O presente estudo apresenta procedimentos de pesquisa bibliográfica, sendo esta científica de natureza básica, uma vez que conta com a revisão teórica de produções publicadas relativas ao processo de ensino-aprendizagem, capazes de analisar a correlação entre a Literatura e a disciplina de História. No que se refere aos objetivos, a pesquisa atua como explicativa.

Ao destacar a revisão teórica no processo de pesquisa, no que concerne a Literatura, abordaram-se os seguintes autores: Azevedo (2001), Oliveira (1996 e 2007) e Freire (1989). Por outro lado, em História, consonantemente, destacam-se: Bourdieu (1989), Rodrigues (1981) e Halbwachs (2006).

Além disso, acerca da obtenção de dados através da investigação bibliográfica, ao passo em que sub selecionado distintamente, foi possível levantar elementos de estudo mediante à leitura de obras acerca do campo da Literatura e da disciplina de História através da exploração dos recursos de sintetização, fichamento e seleção de informações. Destarte, por meio da vinculação de ambas as temáticas, a constatação da paridade em termos pedagógicos se fez possível.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

De acordo com Azevedo (2001, p. 1), no que se refere a origem da literatura, pode-se entender que suas primeiras aparições ocorreram a partir do século XVII, durante o processo pedagógico na educação infantil. Tal processo incluía livros publicados singularmente como ferramenta de ensino para as crianças, em função da reorganização educacional somada à fundação do sistema de ensino burguês estabelecido na época.

Ao mesmo tempo em que “[...] no âmbito escolar, a Literatura servia principalmente para o estudo da língua, das normas gramaticais ou de simples instrumento moralista” (OLIVEIRA, 2007, p. 18), não reconhecia-se ainda o marco literário como eixo cultural, à forma em que é reconhecido atualmente. Em outras palavras, a literatura era utilizada somente como instrumento de alfabetização no processo de aprendizagem.

Assim, ao correlatar o ensino-aprendizagem à leitura, compreende-se que tais processos, desde os iniciais – a capacitação da leitura e escrita –, até os decorrentes proporcionais às reflexões e caminhos percorridos enquanto indivíduo crítico e pensante, interligam-se. Ou seja, “[...] a compreensão crítica da alfabetização, que envolve a compreensão igualmente crítica da leitura, demanda a compreensão crítica da biblioteca.” (FREIRE, 1989, p. 15).

No entanto, na perspectiva de Oliveira (1996, p. 18), ainda que a leitura venha ser reconhecida como um potencial recurso na construção individual e social da criança, à medida em que usada na prática da leitura e escrita, é possível reconhecer que tanto inicialmente quanto na atualidade, tal prática não é um hábito fora do contexto das escolas.

Ora, se entendida inicialmente como viés de alfabetização, o processo no reconhecimento do papel da prática literária como porta de entrada de conhecimento, imaginação, criatividade, reflexão, criticidade e questionamento, se fez tardio — ao passo em que, no contexto atual, a sociedade e os livros encontram-se também em considerável distância, haja vista o avanço tecnológico.

Ao destacar a ideia de imaginação e reflexão acerca das obras literárias, entende-se que “[...] a leitura do mundo precede a leitura da palavra” (FREIRE, 1989 p. 9). Logo, antes mesmo da diligência quanto à habilidade de leitura e escrita no processo de ensino, a viabilidade que a narrativa fundamentada na realidade reflete na codificação do mundo aos olhos do indivíduo se faz fundamental na construção de conhecimento.

Em primeiro lugar, a análise de uma narrativa, a partir do ensino de História, se realiza por meio de classificações, como: Sociedade, Economia e Política, entre outros. Existe nessa ciência, o que se chama de “processo de depuração” (BOURDIEU, 1989, p. 70), onde os objetos são diferenciados por aquilo que são definidos para si e para o mundo externo.

Logo, em comparação a Literatura, o caminho percorrido por História é amparado pela não-ficção, uma vez que busca em registros a veracidade das informações. Pois, ao considerar memória e tradição, “[...] só a história é a análise crítica, dinâmica, dialética, julgadora do processo de mudanças e desenvolvimento da sociedade” (RODRIGUES, 1981, p. 48).

Como a memória pode ser influenciada por laços afetivos e a passagem do tempo propriamente dita, e a tradição promove a continuidade de saberes, a História se encarrega de estudar com técnica.

Sabendo disso, abre-se espaço para as fontes utilizadas, diferente de Literatura, onde não há obrigatoriamente um compromisso com a veracidade, haja vista que pode partir ou não de um acontecimento real para seu desenvolvimento enquanto texto, entretanto, em História,

de acordo com Halbwachs (2006, p. 106) “toda memória coletiva tem como suporte um grupo limitado no tempo e no espaço”.

Ou seja, é necessário considerar o lugar que o pesquisador se encontra, porque pode gerar influência em sua interpretação dos fatos, outrora, “[...] certos homens podem encontrar uma incitação para se superarem ou, pelo menos, para produzirem atos ou obras que vão para além de suas intenções e dos seus interesses” (BOURDIEU, 1989, p. 73).

Discutindo-se assim, as esferas ideológicas nos discursos, no ensino de História é comum encontrar estudo de campo, buscas biográficas, debates e artigos de revisão sobre grandes figuras, isso é consequência direta da historiografia positivista.

Portanto, a narrativa no ensino de História pode sofrer com os impactos da origem das fontes — algumas podem ser forjadas —, como também com os conceitos próprios de quem a escreve. Por essa razão que têm-se um movimento de reescrita dos acontecimentos, e o surgimento de novos campos na ciência histórica.

Como nada está totalmente isento de influência, é firmado a busca por respostas para além dos limites da cultura, visto que cada ser possui suas definições particulares, principalmente no processo de ensino-aprendizagem, local onde o indivíduo está se reconhecendo enquanto cidadão detentor de direitos e deveres.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme as informações apresentadas, o ensino de História e Literatura possuem ligações na expectativa de comunicar com um público determinados fatos, no entanto, deve-se considerar o conteúdo e quem vai recebê-lo, no sentido de adequação da linguagem.

Se em Literatura há a possibilidade de trazer a ficção para o texto, em História o postulado é outro. Não somente nos campos teóricos, como também em sala de aula, a interpretação de uma obra do movimento literário da terceira geração do romantismo de Castro Alves ou a carta-testamento escrita por Getúlio Vargas, podem ser ferramentas metodológicas para estudar uma narrativa.

Por fim, vale salientar o caráter atrativo que a Literatura possui sob os discentes, uma vez que pode se apoiar em livros de aventura, suspense e romance, não contendo o estigma que História carrega por ser, em sua maioria, teórica. Porém, não descarta a alternativa de usar uma fonte literária em uma aula de História e vice-versa, já que muitos escritos são feitos a partir de contextos históricos.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Ricardo. **Literatura infantil**: origens, visões da infância e certos traços populares. Belo Horizonte: Editora Dimensão, 2001. Disponível em: <https://www.ricardoazevedo.com.br/wp/wp-content/uploads/Literatura-infantil.pdf>. Acesso em: 31 ago. 2023.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Difel/Bertrand Brasil, 1989.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo, Cortez, 1989.

HALBSWACHS, Maurice. **Memórias Coletivas**. São Paulo: Centauro, 2006.

OLIVEIRA, Maria Alexandre de. **A Literatura para crianças e jovens no Brasil de ontem e de hoje**: caminhos de Ensino. 2007. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

OLIVEIRA, Maria Alexandre de. **Leitura Prazer**: Interação participativa da criança com a Literatura Infantil na escola. São Paulo: Paulinas, 1996.

RODRIGUES, José Honório. **Filosofia e História**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.